

Desconto pode chegar a 30%, fundos ainda receberão poucos recursos

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

O deságio do segundo leilão de conversão da dívida externa em capital de risco para as áreas livres, que será realizado hoje, às 15 horas, na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), deverá chegar aos 30% e os fundos de conversão ainda receberão poucos recursos, prevêem o presidente da Bovespa, Eduardo da Rocha Azevedo, e pelo menos cinco instituições financeiras que vão participar da disputa.

No primeiro leilão, realizado em 29 de março na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, o deságio atingido na disputa dos US\$ 75 milhões destinados à área livre foi de 27%; e de 10,5% para os US\$ 75 milhões da área incentivada (Sudam, Sudene, Vale do Jequitinhonha e Espírito Santo); e os fundos de conversão ficaram com apenas US\$ 1,9 milhão.

"Como o volume de recursos ofertados neste segundo leilão continuará o mesmo, US\$ 150 milhões, e os investidores e empresas interessadas na conversão tiveram mais tempo para analisar e assimilar a legislação, é inevitável uma demanda maior, o que fará com que o deságio aumente", disse Antônio Borali, presidente do Citicorp In-

vestment Bank, estimando que o deságio atinja 30 a 32% para a área livre, e de 12 a 15% para a incentivada.

O Citicorp vai atuar no leilão, através de sua corretora FNC, como intermediário de clientes que desejam fazer conversão, disse Boralli, preferindo não especificar os projetos. Para ele, o maior volume de conversão deverá ser feito por investidores que compraram seus títulos no mercado secundário internacional.

"Os novos investimentos e as conversões feitas por multinacionais que desejam apoiar a atividade de suas subsidiárias têm dois estímulos, um prêmio na taxa de câmbio e outro no registro de entrada do capital", justificou, acrescentando que o maior volume das conversões estará relacionado com "investimentos complementares às operações já existentes. Com mais algum tempo chegarão recursos para projetos realmente novos".

Manoel Cintra Neto, diretor-gerente geral da divisão financeira do grupo Multiplic, concorda com Boralli e acrescenta que os recursos convertidos para os fundos somente deverão entrar de modo mais substancial "mais para a frente", porque há muitos projetos de conversão direta

engavetados há tempo esperando as regras do Banco Central (BC). O Multiplic entrará no leilão disputando recursos para projetos industriais na área livre, sendo que um deles, localizado no Rio, "é grande", antecipou.

Eduardo Filinto da Silva, diretor vice-presidente da Guilder Corretora de Câmbio e Títulos S.A., lembrou também que muitos investidores que não entraram no primeiro leilão para verificar exatamente o mecanismo e o nível de taxas participarão agora, o que aumentará a demanda. Filinto da Silva lamentou que o acesso ao leilão seja limitado a dois convidados por corretora. "Ver o leilão faz parte do marketing do mecanismo e ajuda os clientes a compreendê-lo."

Andrea de Lamare, diretora de investimentos do Digibanco — que pretende atuar no leilão em favor de projetos industriais —, espera poucos recursos para os fundos de conversão, como os outros dirigentes de instituições. Mas Bernardo Sampaio, superintendente da corretora Iochpe, ponderou que os recursos da conversão direta "também estão reativando a economia".

Rocha Azevedo estima que os fundos recebam um aporte de recursos semelhante ao do primeiro leilão

e prevê que isso se repita nos próximos três leilões, confirmado seus receios iniciais. Por isso, voltou a defender a reserva de uma parcela dos recursos ofertados para os fundos.

Além disso, afirmou que o volume de recursos alocados para o leilão — os US\$ 150 milhões — continua pequeno. "O governo teme ampliar o volume para não expandir a base monetária. Mas há outros fatores que estão provocando o mesmo efeito.

PARTICIPANTES

Até por volta das 19 horas de ontem, a Bovespa havia recebido o pedido de credenciamento para participar do leilão de onze corretoras de outras praças, que não membros titulares nem permissionárias da bolsa paulista. São elas, a Radial (MG), Abertura (PE), Credibanco (RJ), Pax (CE), Macro (BA), Sita (MG), Invista (BA), Montab (RS), Safic (Santos-SP), Banorte (PE) e H.H. Picchioni (MG).

A assessoria de imprensa lembrou que todas as 102 corretoras titulares e permissionárias da bolsa paulista estão automaticamente habilitadas a participar do leilão. Dessa, cerca de sessenta enviaram telex à Bovespa pedindo autorização para participar com operador e convidados.